

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA

**A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM CONTOS DE HORÁCIO QUIROGA E
ARTHUR ENGRÁCIO**

Fabício da Silva Alencar

Manaus

2017

**A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM CONTOS DE HORÁCIO QUIROGA E
ARTHUR ENGRÁCIO**

Artigo apresentado à disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas pelo aluno Fabrício da Silva Alencar, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da professora Me. Berenice Coroa de Carvalho.

Manaus

2017

BANCA AVALIADORA

Prof.^a Ms. Berenice Coroa de Carvalho
Orientadora

Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo

Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva

Manaus, Am.

2017

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM CONTOS DE HORÁCIO QUIROGA E ARTHUR ENGRÁCIO

Fabício da Silva Alencar (UEA)¹
Ms. Berenice Coroa de Carvalho (UEA)²

RESUMO: O presente trabalho consiste na realização de um estudo comparativo de dois autores, Arthur Engrácio e Horácio Quiroga, dois contistas, o primeiro, amazonense e o segundo, uruguaio-argentino. O objetivo é comparar os elementos de representação dos cenários da selva. De caráter bibliográfico, a pesquisa proporciona uma comparação descritiva do espaço da selva nos contos “Áspero chão de Santa Rita”, de Arthur Engrácio e “Um peão”, de Horácio Quiroga. Para a realização desta proposta, recorreremos inicialmente à bibliografia referente ao conto como gênero: Gotlib (1988), Bosi (1974), no prisma espacial, Brandão (2013), Candido (2006). A relevância da pesquisa se realiza pela análise do espaço nas obras literárias, dos contextos históricos, geográficos, sociais e culturais. A partir disso, constata-se o prisma da representação do espaço da selva.

Palavras-chave: narrativa; espaço; selva; Horácio Quiroga; Arthur Engrácio.

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas.

² Professora Mestre em Letras e Artes -UEA

Composição da banca: Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo; Prof. Dr. Allison Leão.

Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo realizar um estudo comparativo de dois autores, Arthur Engrácio e Horácio Quiroga, dois contistas, o primeiro, amazonense e o segundo, uruguaio-argentino. Pretende-se comparar duas narrativas, tendo como eixo a questão do espaço: escolhemos de Engrácio o conto intitulado “Áspero Chão de Santa Rita”, publicado em 1986, na antologia “20 Contos Amazônicos”, publicada pelas Edições Puxirum; de Quiroga, o conto “Um Peão”, constante da antologia “Vozes da Selva, nove contos escolhidos”, selecionados e organizados por Pablo Rocca, com tradução de Sérgio Faraco, publicada pela Mercado Aberto, em 1994. Nas narrativas, temos contextos históricos, geográficos, sociais e culturais diferentes, mas uma temática que nos parece semelhante: a representação do espaço da selva. No conto de Engrácio, trata-se do espaço amazônico como cenário para a construção ficcional; na obra de Quiroga, temos as *Misiones*³ uma província fronteira entre o Paraguai, o Brasil e a Argentina. Assim, quanto ao aspecto espacial, esperamos realizar o diálogo entre a vastidão amazônica e o espaço geograficamente reduzido de *Misiones*, entretanto marcado pela diversidade cultural em virtude de sua condição de fronteira. Note-se, ainda, que os autores pertencem a diferentes temporalidades.

A vida e a produção literária de Quiroga está ligada à fronteira antes referida. Nascido em Salto, Uruguai, em 1878, desde adolescência, publicando em pequenos jornais de sua província natal, mostra-se fascinado pela modernista Paris de Ruben Dario e pela obra de Leopoldo Lugones. Esse fascínio o leva à cidade das artes, para uma temporada não muito confortável em termos materiais. De volta a Salto, acidentalmente mata seu melhor amigo (Federico Ferrando), conhecendo a realidade dos processos judiciais e da prisão. Refugiando-se em Buenos Aires, abandona para sempre o Uruguai. A partir de então, em permanente trânsito, o contista participa de uma expedição, como fotógrafo, à região das ruínas jesuíticas, *Misiones*, lugar onde fixa com esposa e filhos, comprando terras em Santo Inácio e vivendo como colono. O espaço de *Misiones*, sua natureza e os problemas dos homens que lá vivem imprimem suas marcas na produção literária do escritor, que se fecha para o mundo. Sua biografia é marcada pela fatalidade: a primeira esposa se suicida, deixando com ele dois filhos.

³ *Misiones* (ou Missões, em português) é uma província argentina situada no nordeste do país; limita-se a oeste com o Paraguai; ao leste, norte e sul com o Brasil e a sudoeste com a província de Corrientes. Antes da chegada dos europeus, era povoada pelos índios guaranis. No século, XVII, os jesuítas chegam à região, iniciando as “reduções”. A prática da agricultura acaba por sedentarizar os índios. Expulsos os jesuítas, o território foi anexado ao Paraguai (1811); em 1814, foi anexada a Corrientes; em 1852, foi cedida à Argentina, em troca do reconhecimento argentino da independência paraguaia. Como resultado da Guerra do Paraguai (1865-70), a Argentina incorpora os territórios provinciais ao governo de Buenos Aires. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Misiones_\(província\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Misiones_(província)). Acessado em: 29.11.2017

O segundo casamento também não parece ter sido muito feliz e, vítima de um câncer incurável, suicida-se ingerindo cianureto, em 1937.

A produção literária e a vida de Arthur Engrácio da Silva (1927-1997) estão fundamentalmente ligadas ao espaço amazônico. Natural de Manicoré (AM), vem para Manaus aos cinco anos de idade, dedicando-se aos estudos iniciais, cursando posteriormente a Faculdade de Direito do Amazonas, que abandona no quarto ano. Funcionário público, jornalista, contista e crítico literário, participou ativamente do Clube da Madrugada⁴, tendo sido um dos editores do Suplemento Literário, publicado em *O Jornal*, pertencente à família Archer Pinto, sob a responsabilidade do Clube. Assim como Quiroga incorpora *Misiones* aos seus contos, Engrácio transforma a Amazônia em matéria ficcional, nos seus contos e romances, ao privilegiar a realidade regional.

Inicialmente, recorreremos à bibliografia referente ao conto como gênero: Gotlib (1988) indica a economia de meios narrativos (máximo efeito, com o mínimo de meios), a simetria construtiva (unidade de tempo, lugar e ação) e a brevidade (a matéria deve ser condensada para apresentar os mais significativos momentos da ação) como constantes do gênero; no “Decálogo do Perfeito Contista”, publicado por Quiroga (1927), a auto-suficiência do conto permite um efeito ou sensação de vida, pois sua estrutura fechada se diferencia das acumulações necessárias ao romance: uma só página, um só tema, um controle rigoroso da estória. Para Bosi (1974), trata-se de encontrar “uma situação que atraia, mediante um ou mais pontos de vista, espaço, tempo, personagens e trama” (p.8). Para o autor, encontrado o tema, sucede a importância do registro a que o contista submete a matéria: realista, documental, intimista, memorialista, experimental.

Para a realização desta proposta, recorreremos inicialmente à bibliografia referente ao conto como gênero: Gotlib (1988); Quiroga (2009); Bosi (1974); Cortázar (1974). Para compreender o espaço, consultamos: Reis & Lopes (1988); Brandão (2013); Cândido (2006); Rama (2001); Leão (2011); Pizarro (2004).

⁴ Clube da Madrugada: Fundado em 1954, o Clube da Madrugada congregou os jovens intelectuais amazonenses na tarefa de renovar as letras e a cultura local. Considerando academicista as manifestações literárias que os precederam, os “madrugadores” se insurgem contra o confinamento cultural e buscam incorporar-se ao cenário das transformações estéticas, políticas e culturais em curso no cenário nacional da época, marcadas pelo projeto nacionalista/desenvolvimentista que impulsiona o aparecimento das vanguardas estéticas das décadas de 50/60. Fonte: CARVALHO, Berenice. *O Suplemento Literário do Clube da Madrugada (1961-1970)*. Dissertação de Mestrado. Manaus, UEA, 2015

Amazônia e *Misiones*: figurações do espaço selvático

Como já mencionado, a análise deste trabalho terá como base as obras “20 Contos Amazônicos”, de Arthur Engrácio e “Vozes da Selva”, de Horácio Quiroga. Quanto à obra de Engrácio, trata-se de uma coletânea de contos organizada pelo próprio autor. Composta de vinte contos, quase todos se passam em um cenário amazônico interiorano, à exceção de um, em que representa o espaço urbano. As narrativas abordam temas da vida ribeirinha, tais como a cheia dos rios, as histórias de caçadores, a solidão do caboclo, a traição, morte, vingança e o imaginário mítico da floresta amazônica. Em suma, os contos dessa obra propõem uma denúncia das condições da vida do homem interiorano. “Vozes da Selva”, antologia de contos escolhidos de Quiroga, organizada por Pablo Rocca, apresenta nove contos ambientados na selva, seis destes, na região de *Misiones*. Nas palavras de Soares a antologia:

é permeada pela constante luta do homem com a natureza, tanto externa (a imensidão de um rio, a mata, os animais) quanto interna (sentimentos, questionamentos). Além disso, a fatalidade que alinhava todas as narrativas representa o quão vulnerável às condições espaciais é o ser humano, que tenta, inutilmente, sentir-se no controle em meio às forças naturais. (SOARES, 2017, 41)

Nesse espaço selvático, a ação do ser humano é mediada pela natureza. Os animais passam a ser seres viventes, próximos ao homem, o que não traduz uma convivência harmoniosa (BEZERRA, 2007, p. 13). A desgraça e a fatalidade se opõem às condições da vida urbana. Desse invólucro, surge na narrativa dos autores uma representação dos aspectos humanos em confronto com a densidade da selva. Dessas obras escolhemos dois contos: “Áspero chão de Santa Rita, de Engrácio”, e “Um peão”, de Quiroga.

No conto de Engrácio, Galdino, personagem principal da história, rememora com tristeza do dia em que fora forçado pelo seu patrão a sair em busca do cachorro, Barão, que minutos antes tinha sido carregado por uma onça. Não podendo negar um pedido do Coronel, acaba por deixar sua companheira, Doquinha, grávida, já com as dores do parto, sozinha. Pressionado, sai na companhia do Coronel, sob um temporal; quando retorna, ferido e estropeado, encontra apenas o cadáver da companheira.

Em “Um peão”, um homem de porte elegante, bem vestido, chega a uma fazenda procurando trabalho. Não se separava do chapéu nem das botas. Oliveira, seu nome, era brasileiro: “falava uma língua fronteiriça, um português-espanhol-guarani muito saboroso”

(QUIROGA, 1994, 64). O rapaz vinha de Foz do Iguaçu, muito correto e formal em seus afazeres, não bebia e sempre estava disposto ao trabalho. Torna-se um exemplo de empregado para o patrão, pois era diferente de todos que já tivera. Não se aproximava do perfil dos *mensú*, típicos trabalhadores rurais da região. Oliveira tem um fim trágico, uma morte extraordinária, cuja rememoração é a matéria do conto.

Presentes nos contos estão alguns personagens secundários, em ambas as narrativas. No conto “Áspero chão de Santa Rita”, tem-se: o patrão, um estereótipo da figura do coronel⁵, Galdino e Doquinha. Em “Um peão” encontramos o patrão, Olivera, Cirila (uma empregada subalterna) e as crianças, que são apenas mencionadas e não participam de ação alguma. Quanto às personagens femininas, percebe-se que os narradores estão mais preocupados em representar as personagens masculinas, protagonistas das narrativas.

Já os narradores diferem quanto ao ponto de vista narrativo. No conto de Arthur Engrácio, o narrador é em terceira pessoa (onisciente). Para Leão (2011, p. 171), “seus contos narrados em terceira pessoa apresentam um narrador cuja “fala” culta e formal continua de tal forma distanciada do oral popular de seus personagens”. Em “Um peão”, trata-se de um narrador-personagem, subjetivo, também culto, como no conto de Engrácio; “só existe a sua fala, as outras personagens são, antes de tudo, imagens refletidas na consciência” (TODOROV, 1976, p. 46). Este narrador, já afastado no tempo e no espaço dos acontecimentos, relembra, em Buenos Aires, os acontecimentos de *Misiones*.

No prisma da representação, uma das chaves analíticas “é o contraste entre os efeitos gerados por procedimentos descritivos e procedimentos narrativos. Nesse caso, a questão espacial tende a ser vista, predominantemente, como relativa à descrição” (Brandão, 2013, p. 59). Nesse sentido, o procedimento descritivo decorre da própria geografia do espaço. Trata-se de um tratamento funcional da espacialidade, recurso discursivo-literário Candido (2006, p. 42). Busca-se, assim, um significado dos espaços tidos como “reais”, uma derivação, em outras palavras, uma extensão espacial. A esse respeito Lins (1974) nos apresenta o conceito de ambientação.

Por *ambientação*, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa. (LINS, 1974, p. 78)

⁵ Refere-se ao “coronel de barranco”, autoridade típica dos seringais amazônicos.

A espacialidade se configura de diferentes modos e perspectivas. Enquanto derivação, a ambientação deve ser entendida diferentemente de ambiente, por isso Filho (2006, p. 62) propõe o termo espacialização. Este autor, amparado em Lins, apresenta duas estratégias de espacialização: franca e dissimulada. Segundo o autor são extensões topográficas que, no escopo da narrativa, que se configuram a partir das descrições dos narradores.

Para nossas pretensões analíticas, esses dois conceitos são fundamentais, já que no conto de Arthur Engrácio prevalece uma espacialização franca: “composta por um narrador independente, que se pauta pelo descritivismo e sua característica diferencial é o efeito de objetividade impressa na descrição” (BORGES FILHO, 2006, p. 62). Os espaços da selva, no conto de Engrácio, são apresentados a partir das imagens que o narrador descreve. De outro modo, a narrativa de Quiroga comporta uma “espacialização dissimulada, os atos das personagens fazem surgir o espaço. Esse recurso de construção da narrativa exige uma personagem ativa, cria-se harmonia entre espaço e ação, interpenetram-se seres e coisas, há uma fusão de componentes variados (narração + descrição)” (BORGES FILHO, 2006, p. 65). Na narrativa de Quiroga, as representações dos espaços da selva acontecem à medida em que as ações dos personagens circulam no ambiente. Nesse caso, o espaço não opera apenas à luz do que o narrador diz, mas também a partir da ação dos próprios personagens.

O aspecto espacial cruza todas as categorias do texto literário, por isso, os comentários acerca dos personagens e narradores são importantes. Por ora, o importante é tonar objetiva a abordagem destes aspectos, de forma que se possa compreender o percurso analítico, que compreende: os elementos de aproximação e descrição intrínseca do espaço da selva enquanto região, o embate entre homem e natureza, e a narrativa como proposta de denúncia social.

Nos contos em estudo, as descrições do espaço são permeadas de características típicas da própria região. Um olhar apurado permite observar que as regiões apresentam distinções também no que se refere aos recursos naturais e disposições climáticas. De um lado, a Amazônia, de clima tropical, onde existe um reaproveitamento do ar em mata fechada, sendo as árvores responsáveis por esse fenômeno. Do outro, *Misiones*, de clima subtropical, uma região úmida, de vegetação modificada devido à implantação de cultivos ou pecuária, na qual inúmeras fazendas podem ser encontradas. Entretanto, o que de fato chama atenção são as minuciosas descrições destes ambientes. No conto de Arthur Engrácio, apresenta-se da seguinte forma.

O pensamento vem sempre trazido pela chuva, que como que o transporta ao cenário do seu sofrido infortúnio. E a Chuva por isso é sua inimiga. Não que ela seja realmente má – favorece as seringueiras, que ficam mais fartas, mais produtivas, com o leite bom de defumar; lava os campos e o capim é aquela

beleza para engorda do gado e as criações; cai nos roçados e a mandioca, a macaxeira, o milho dobram de tamanho e dão aquele momento de felicidade que os moradores de Santa Rita experimentam quando a safra é maior. (ENGRÁCIO, 1986, 45)

Ao recordar seu infortúnio, o personagem Galdino lembra que aquele dia era de intensa chuva. A chuva é um fenômeno que revigora a terra e o cultivo das plantas. Sendo a chuva uma constante em toda narrativa de Engrácio, percebe-se que a ênfase neste fenômeno ocorre não apenas como efeito negativo na lembrança de Galdino, mas também como manifestação das forças naturais.

Por outro lado, na narrativa de Quiroga, é a presença do calor que marca o espaço *misiônico*:

Eram duas e meia da tarde, a hora, por excelência, das apoplexias, quando era impossível tocar num cabo de madeira que tivesse ficado dez minutos ao sol. Mato, campo, basalto, arenito vermelho, tudo reverberava e tudo parecia banhar-se de amarelo. A paisagem morta de silêncio e dentro do silêncio um zumbido uniforme, que zumbia dentro do tímpano e dir-se-ia que acompanhava a vista por onde ela andasse. (QUIROGA, 1994, 66)

[...]

Normalmente, na hora do sol forte, nada se ouvia além do zumbido imediato de uma abelha na varanda e do rumor vibrátil, monótono, da paisagem asfixiada de luz. (QUIROGA, 1994, 68)

Através de alguns indícios, é possível afirmar que a fazenda fica às margens do rio Paraná. A época do ano é o verão, chove raramente, em todo o conto ocorre apenas uma vez. O calor é um traço peculiar da narrativa, representando não só o espaço de *Misiones*, mas também a força empregada pelo homem durante o trabalho, pois quanto mais quente, mais energia se gasta.

Nas narrativas de Engrácio e Quiroga, o ambiente noturno da selva toma outras dimensões, a depender dos elementos que cercam esse espaço, o processo ocorre no sentido de descrever o que há de taciturno. No conto de Engrácio, trata-se de uma caçada em noite chuvosa, na mata escura e fechada, por isso cada movimento é minuciosamente observado e descrito. Os galhos, as árvores, as toras tombadas e até a lama das picadas são representações do micro e macro do espaço. No conto “Um Peão”, de Horácio Quiroga, a noite enluzada se transforma em espetáculo natural:

Estava cansado e a ideia de um breve passeio era sedutora: a lua de *Misiones*, penetrando nas trevas do mato, é o maior espetáculo da terra. (QUIROGA, 1994, p. 81)

A representação do micro espaço aproxima as duas narrativas; a picada⁶, isto é, caminho estreito, está presente em Engrácio como um obstáculo a vencer (“Transposta a metade da picada, sêo Euzébio soltou um assovio de cansaço e largou outra praga”, p. 47). Em Quiroga, a picada se metamorfoseia em catedral, sob o frescor da noite (“O chã, ao longo da picada e até o limite da vista, estava frisado de viés por raios de uma brancura gelada...”, p. 82). Em ambos os contos os personagens percorrem estes espaços durante à noite; são descrições que partem do micro para o macro, numa espécie de gradação. São os arredores da selva, um tipo de pórtico que os homens têm que atravessar para encontrar o espaço completo a que devem se adaptar ou combater.

A selva é o espaço do embate entre o homem e a natureza. Nesta dinâmica, verifica-se que tanto a narrativa de Engrácio como a de Quiroga dialogam diretamente, sob o ponto de vista do discurso selvático. Haveria ainda uma outra questão, já comentada anteriormente, as condições climáticas. Se, no caso Amazônico, é a chuva que dificulta a caçada, em *Misiones* ocorre situação semelhante, porém é o calor intenso que expõe o homem aos perigos da selva.

No conto de Engrácio, o personagem Galdino é forçado pelo patrão a seguir o rastro de uma onça que havia carregado um cachorro. O cão pertencia ao patrão e poderia ainda estar vivo. Ambos entram na mata armados e acompanhados de um cachorro. Encontram, Barão, o cão, já morto, despedaçado, dentro de um buraco. O patrão ordena que Galdino desça e pegue o cachorro; este reluta em obedecer, mesmo assim vai e é nesse momento que a onça o ataca. Galdino, como Olivera, é levado a penetrar as profundezas da selva; o primeiro, coagido pelo patrão que o obriga a descer no buraco, resultando no embate traumático com a onça; Olivera penetra nas profundezas do poço condenado para terminar a escavação; o patrão ouve durante horas o ruído do picão (picareta) e os assovios do peão, que retorna à superfície sem se sujar, tendo vencido a peleja com a matéria dura do subsolo.

Nos dois contos, há patrões e patrões, assim como há toda uma distância social indiciada nos nomes dos cachorros, Pintado x Everest/ Barão do conto de Engrácio. Por essa razão o espaço dos contos é também o lugar das relações econômicas entre os habitantes das selvas representadas. Aleixo (2008) refere-se à poética da violência que marca uma tipologia da ficção amazonense, representada aqui pela figura do coronel Euzébio que, ignorante, portando armas e cães, é o típico “coronel de barranco”, o bronco que enriqueceu e que ameaça o peão

⁶ Atalho estreito aberto no mato a golpes de facão. Fonte: <https://dicionariodoaurelio.com/picada> Acesso em: 30.11.2017

amazônida. O personagem filia-se à linhagem de coronéis representados em outras narrativas da região, como em “A Selva”, de Ferreira de Castro e “Inferno Verde”, de Alberto Rangel, que traz o estigma do homem rude, que dita a lei da selva, cometendo injustiças e punindo a chicote os que desobedecem às suas ordens, como Galdino, subalterno, escravizado, que vai sofrer no corpo as marcas da violência. Como nota Leão (2011, p. 105), o coronel Euzébio é personagem de outro conto de Engrácio, “A Revolta” (“Histórias do Submundo”), representado nele de modo semelhante ao do conto que analisamos, o “homem mau, senhor de baraço e de cutelo”, inscrevendo já nesse como neste espaço “um senhor opressor e um conjunto de homens que lhe serve de mão-de-obra barata”. Essa perspectiva intratextual revela a recorrência na obra do escritor dos temas e personagens paralelos ou similares, reforçando seu projeto regionalista de privilegiar o espaço da cultura local.

No conto de Quiroga, é o patrão que enfrentará as ameaças da natureza, tarefa transferida ao caboclo ribeirinho na narrativa de Engrácio. Caçando uma cobra jararacuçu de um metro e oitenta e cinco, escondida entre as pedras, no meio de uma plantação, o fazendeiro mata a jararaca, com cuidado, a fim de preservar o couro e, estando esta morta, leva o réptil para casa. A cobra havia mordido sua empregada, que acabara sendo curada, depois de um porre de *canha*⁷, uma espécie de bebida fermentada, a cachaça de *Misiones*. Essas circunstâncias nos revelam as diferenças entre o fazendeiro-personagem-narrador-patrão culto de Quiroga e o rústico Euzébio de Engrácio. E aqui o ponto de vista narrativo influencia as diferentes representações. As relações de poder se amenizam no conto de Quiroga, pois o patrão revela curiosidade em relação à conduta do peão, que traz as marcas das diferenças culturais, pois este não se incluía no “catálogo normal dos *mensú*.”⁸ Olivera é o estrangeiro, o diferente, permanentemente em trânsito entre as fronteiras do espaço do conto, pois já tinha trabalhado em vários locais nas proximidades. Por isso, o olhar observador do patrão sobre o peão, como o de um cientista para o seu objeto de estudo, analisando sua indumentária, seus modos, sua fala, seu jeito despachado e bonachão, mas respeitoso, parecendo conhecer os seus limites. Com ele, o patrão aprende a cultivar batatas, plantar bocaiuvas, cavar poços:

Algumas vezes trabalhamos juntos, como, por exemplo, na limpeza do bananal maior, que nos custou seis dias completos, quando deveria ter custado

⁷ A destilação do suco fermentado da cana-de-açúcar é conhecida em várias partes do mundo, mas, no RS, alcançou destaque especial na região do Litoral Norte, sendo mais famosas as cachaças "azulzinha", de Santo Antônio da Patrulha e a "marisqueira", de Torres. Permitindo várias misturas, a canha é muitas vezes usada como remédio. Fonte: https://pt.m.wikibooks.org/wiki/Bebidas_gaúchas#A_Canha Acesso em: 30.11.2017

⁸ Mensú: o trabalhador rural em *Misiones*.

só três. Foi o serviço mais penoso que fiz na vida – talvez o mais penoso que ele fez também – por causa do calor daquele verão. (QUIROGA, 1994,70).

O patrão expressa simpatia pelo peão, mesmo quando este o decepciona ao dormir com Cirila, a “boa empregada” que tinha em casa. Olivera sai para uma caçada ao tesouro dos jesuítas e desaparece. Embora procure, o narrador jamais saberá o que aconteceu com ele. O peão simplesmente desaparece. Teria parte com o diabo, como alude o provérbio: *Quem trabalha com o diabo não se cansa nunca?* E o peão nunca se cansava. Quiroga conduz o leitor aos caminhos do insólito e do fantástico, ao final do conto. Segundo Todorov (1975, p. 109), o insólito não pode ser explicado pelas leis do mundo natural, não tem uma explicação clara e também não se transfere para outro mundo. Covizzi (1978, p. 36), esclarece que o insólito contém manifestações do fantástico (existente apenas na imaginação) e do misterioso, entre outros: “o que não nos é dado conhecer completamente, enigmático”.

O interior da selva é um espaço fechado em si mesmo (Rocca, 1994, p. 16). Quando se entra na mata não se sabe o que dela esperar. Adaptar-se a esse meio é um desafio ou até mesmo uma conquista para poucos (Leão, 2011, p. 137). Os animais e tudo que compõem a selva não pertencem ao homem, é um espaço de trânsito. Na Amazônia ou em *Misiones*, o ser humano é apenas mais um, dentre tantos, que tenta sobreviver.

É no olhar do drama humano perante à selva que as propostas narrativas de Arthur Engrácio e Horácio Quiroga objetivam um discurso de denúncia social. A proposta narrativa dos autores, quanto à caracterização do espaço do homem, problematiza uma resposta de caráter crítico. Na Amazônia é o caboclo que sofre as injustiças, humilhações e tirania do coronel ou patrão. Concepção comparável à de *Misiones*, ainda que não seja tão explícita, todavia, é na pobreza da região que se percebe a conjuntura de uma denúncia. Neste ponto de vista, há uma aproximação discursiva e temática dessas narrativas.

No que tange ao espaço histórico-social, a narrativa rioplatense de Quiroga acentua um contraste em relação à cidade. De fato, um dos indícios que comprovam tal afirmativa é o final do conto “Um peão”, o narrador-personagem, o patrão, está provavelmente em Buenos Aires, lembrando da história do peão Oliveira. Em contrapartida, a narrativa se desenvolve numa fazenda, em *Misiones*, onde só os ricos eram fazendeiros. E ainda há referências há outras

regiões menos desprovidas do país, como Chubut⁹ e San Ignacio¹⁰, por exemplo. Embora não seja tão perceptível, a relação entre cidade e campo promove uma discussão em torno da condição social do país.

A noção de denúncia social proposta nas narrativas considera o espaço interiorano ou do campo uma contradição em relação à realidade das cidades. Enquanto a narrativa de Engrácio busca se referenciar aos direitos de escolha do caboclo, alusão ainda maior é a de Quiroga, que propõe um posicionamento crítico a respeito da situação das províncias Argentinas. Esses espaços, portanto, constatarem o contexto de denúncia social.

De fato, a produção literária destes dois autores nos chama atenção, em virtude de suas abordagens temáticas. Pois é possível estabelecer uma aproximação dos temas relacionados à selva. Daí o interesse em delimitar convergências e divergências entre as possibilidades as quais propomos. Com efeito, obra de Arthur Engrácio revela certas particularidades do lugar ficcional em que o autor está inserido. Sua marca é, pois, “a autenticidade, expressa num discurso vívido, fluente, equilibrado e orgânico” (TELLES, 2014, p. 152). A originalidade e a crítica social diferenciam-no dos demais autores de sua época. Caso não muito diferente é o de Horácio Quiroga, autor cuja obra atravessa gerações. A onipresença do lugar é uma das características de suas narrativas. A paisagem exótica de *Misiones* e a tragédia da vida humana é uma das grandes temáticas das narrativas de Quiroga (FIORUCI, 2015, p. 99). Não obstante, nas palavras de Rocca (1994, p. 10), “Em seus relatos, ele modificou ou criou linguagem com uma multiplicidade discursiva estranha à narrativa local”. O crítico evidencia nuances de uma linguagem fronteira, uma prosa calcada no relato das fronteiras entre Argentina, Brasil e Paraguai.

Em termos de narrativa, os dois autores aqui mencionados optaram pelo conto. É evidente que este gênero opera com certas singularidades, a depender da proposta ficcional de cada autor. É perceptível que os contos escritos por Engrácio vinculavam-se a um projeto literário amplo acerca do homem amazônico. Em contrapartida, as narrativas de Quiroga, além de evidenciar o sujeito, procuram também descrever a angústia da existência do ser e, de certa maneira, o embate entre o homem e sociedade (FIORUCI, 2015, p. 99). Talvez esta crítica das condições do homem seja uma convergência entre as propostas dos autores, uma vez que os

⁹ Província Argentina localizada na região da Patagônia formada pelas províncias de Rio Negro, Neuquén, Santa Cruz e Terra do Fogo. Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Patag%C3%B4nia_argentina Acesso em: 30.11.2017

¹⁰ San Ignacio é um município argentino, localizado na província de *Misiones*. Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/San_Ignacio_\(Misiones\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/San_Ignacio_(Misiones)) Acesso em: 30.11.2017

sujeitos amazônicos e *misiônicos* estão em constante luta com as condições quase primitivas da selva.

Um rápido exame acerca da prosa de Engrácio e Quiroga seria relevante, pois assim se torna tangível observar que parâmetros estéticos há na ficção de cada um. Telles (2014, p. 153) afirma a respeito de Engrácio: “O que caracteriza a sua linguagem é o vigor, a fluidez, a pujança. A leitura de seus contos é uma expressão do universo interiorano”. É de se notar o compromisso do autor com o tratamento da linguagem e o espaço que delimita ficcionalizar. Doutro modo, comenta Wellington Fioruci (2015, p. 101) que “Os contos de Horácio Quiroga são microcosmos onde avultam indivíduos e seus conflitos com o meio social. Nesse espaço de crise, a narrativa enxuta descortina uma natureza perigosa, traiçoeira, em suma, inóspita”. Quiroga é, por excelência, um autor que problematizou grande parte de suas narrativas em um espaço estruturado, soube como poucos arquitetar uma linguagem que expressasse os anseios e devaneios do homem, diferentemente de Engrácio.

Além disso, a vasta produção ficcional de Arthur Engrácio e Horácio Quiroga configura de certa forma um projeto estético-cultural, no que se refere às narrativas de selva. Assim, nas narrativas de Engrácio, o foco está na representação do homem (Leão, 2011, p. 155). Essa representatividade evidencia-se no embate do espaço da selva. Caso semelhante é o de Quiroga, a selva *misiônica* representa a intensa luta do homem pela sobrevivência (Soares, 2017, p. 41). Em síntese, a figura humana, em meio a esse espaço selvático, comporta a estética dos autores.

É importante ressaltar que o espaço destas narrativas, de certo modo, são extensões das chamadas áreas culturais (Pizarro, 2004, p. 21). Ou seja, a Amazônia e *Misiones* representam uma distinção no que se refere ao espaço como área cultural. Segundo Ana Pizarro (2004, p. 31) “Para os latino-americanos e em particular para os países por onde se estende, a região amazônica é um reservatório cultural, fundamento de parte das formas de seu imaginário, âmbito de um alcance histórico em que raramente pensamos”. A problemática da região em termos culturais é ampla e vasta. Há de se lembrar também da cultura do caboclo interiorano, que está presente em quase toda a Amazônia, seja brasileira ou internacional. De maneira geral, é um desdobramento de aspecto social da região.

Tão importante quanto a Amazônia, a região do rio Paraná é uma área de contato, devido a tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai. Historicamente era povoada pelos índios Guarani. No século XVII, a Companhia de Jesus se estabeleceu na região, daí resulta o nome da província, *Misiones*. No panteão das letras, pertencem à literatura rioplatense autores de renome universal, dentre os quais estão Horácio Quiroga e Jorge Luis Borges. Há de se

considerar também a literatura fantástica produzida por alguns autores em maior ou menor grau (CORTÁZAR, 2001, p. 73). Em termos contextuais, estas observações são importantes, uma vez que consideram o espaço de criação das narrativas.

Essa articulação entre espaço e áreas culturais apresenta certas características de um contexto local. No entanto, o sentido que se pretende refletir neste trabalho, diz respeito ao momento de criação ficcional dos autores e se há elementos que vinculem seus textos a uma tradição latino-americana. Em termos teóricos, seria verificar uma certa tradição regionalista no âmbito das obras.

De modo geral, Arthur Engrácio é um autor pouco conhecido. Em sua obra verifica-se algumas ressonâncias estéticas, em especial, do romance *A selva*¹¹, de José Maria Ferreira de Castro (1898-1975).. Entretanto, no âmbito da literatura Brasileira, Engrácio poderia ser enquadrado na chamada estética neorrealista. Sobre essa questão Silva (2016) faz o seguinte comentário:

Na chamada geração de 30 do Modernismo, os ficcionistas reaproveitam esses traços tanto da prosa realista quanto da naturalista, configurando o que se convencionou chamar de neorrealismo ou neonaturalismo. Uma literatura engajada, de coloração social, objetivando denunciar as injustiças sociais e a exploração do homem pelo homem. Dessa forma, a luta de classes vai preencher as páginas dos romances, e as personagens passam a representar os embates entre patrões e empregados, trabalhadores e senhores de terra. No Amazonas, Arthur Engrácio pode ser contado entre os ficcionistas que se esforçaram em produzir uma literatura dessa natureza. (p. 50)

Conforme demonstra a autora, há certos traços na prosa de Engrácio que o enquadram nesta vertente. Podemos dizer que é o momento de criação do autor que delimita suas escolhas e o seu projeto. No caso de Engrácio, as temáticas interioranas refletem a Amazônia do início do século XX. Trata-se, portanto, de citar algumas referências específicas presentes na obra de Engrácio, outras mais poderiam ser explicitadas. Todavia, não caberiam no escopo deste trabalho.

Por outro lado, Horácio Quiroga é um contista clássico, quanto à forma de narrar (PIGLIA, 2001, p. 1). Segundo Pablo Rocca, suas referências ultrapassam as fronteiras do rio da Prata, dentre elas estão: Poe, Maupassant, Kipling, Tchekhov, Jack London, Dostoiévski e Leopoldo Lugones. A respeito da obra do autor, Ángel Rama faz o seguinte comentário:

[...] teve tempo de se formar no âmbito artístico do “modernismo” hispano-americano, dedicando-se a leituras fervorosas de Edgar Allan Poe e uma experimentação poética que prenunciava o automatismo surrealista, mas

¹¹ O romance se passa na Amazônia e é ambientado em Belém do Pará, e no seringal Paraíso (Humaitá).

também teve tempo, depois de seus primeiros quatro livros, de descobrir a inóspita selva de Missões, que constituía uma das regiões fechadas do continente e à qual se integraria por um longo período de sua vida. (RAMA, 2001, p. 138)

Misiones é o grande motivo das narrativas de Horácio Quiroga. Seus temas variavam entre a desgraça humana e o insólito. No que se refere aos possíveis diálogos, os textos do autor estabelecem uma conexão com Poe e Hemingway, em virtude das técnicas narrativas empregadas por esses autores.

Nossas pretensões eram apenas de elucidar, de forma breve, quais as expressões ficcionais do momento literário em que os autores participaram. Se suas obras vinculavam-se a alguma tradição e, de alguma forma, apresentam referências, no ponto de vista do diálogo do fazer literário.

Considerações finais

A fim de investigar questões pertinentes às contísticas de Arthur Engrácio e Horácio Quiroga, recorreremos a teorias que nos permitiram analisar a temática da representação do espaço da selva, considerando os contextos históricos, geográficos, sociais e culturais do complexo amazônico e da província *missionica*. Pertencentes à ficção dos autores, estas regiões apresentam duas naturezas selváticas distintas que, por vezes, dialogam diretamente na representação de um espaço inóspito ao ser humano. São autores de temporalidades diferentes que articulam na sua contística aspectos de uma determinada espacialidade.

De modo geral, todo trabalho que considere o espaço como categoria deve ter em vista que as possibilidades não se esgotam. Aliás, nenhuma análise literária comporta todos os caminhos possíveis. É, portanto, apenas uma leitura que deve apresentar certa coerência e suscitar outras intervenções. O espaço interfere em todas as categorias da narrativa, por isso delimitar sua totalidade é impossível.

Assim, nossa proposta, buscou arquitetar uma comparação dos espaços das obras supracitadas. O objetivo foi investigar de que forma essas narrativas representam o espaço da selva. E, a partir da análise, algumas particularidades puderam ser explicitadas. Em primeiro lugar, há uma noção de resistência na selva, embora o homem tente se sobrepor, ocorre algum evento que potencializa os elementos da selva. Trata-se então, de uma representação realista do espaço. A propósito, talvez seja por isso que os aspectos humanos sejam tão evidenciados, isto é, a desgraça e a fragilidade dos personagens. Outro dado é a descrição, nas narrativas o espaço

é construído na medida que as ações se desenvolvem. Por fim, poderemos afirmar, ainda, que a representação do espaço da selva não se configura a partir de uma noção do imaginário paisagístico, ao contrário, é um arranjo dos espaços tidos como “reais” da Amazônia e de *Misiones*.

É interessante ainda comentar que os autores foram críticos, ora de sua própria arte da escrita (Quiroga), ora de outros autores e escritores (Engrácio). Nesse ponto, Horácio Quiroga está passos a frente; é autor do “*Decálogo do perfeito contista*”, série de dez preceitos para aqueles que queiram se aventurar no gênero conto. Quase um século depois, a publicação ainda é revisita e comentada por críticos e escritores. Também devemos reconhecer a habilidade e a técnica narrativa de Horácio Quiroga – diga-se – é de um dos grandes contistas da história da literatura.

Então qual é o espaço limite da selva? Provavelmente não conseguiremos responder a esta última questão. O limite por si só é uma tensão, um parâmetro estável das espacialidades. As representações são meros jogos sincrônicos que tentam se aproximar do espaço limite. Assim, como a literatura, o espaço é uma vastidão inesgotável.

Referências

- ALEIXO, Marcos Frederico Krüger. Grande Amazônia: Veredas. In: RANGEL, Alberto. **Inferno Verde Cenas e Cenários do Amazonas**. Manaus: Valler, 2008.
- BOSI, Alfredo (org.). **O conto contemporâneo brasileiro**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BEZERRA, Wilson Alves. **As fábulas da selva de Horácio Quiroga**. In: Contos da selva. Trad. Wilson Alves Bezerra. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponímia**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CANDIDO, Antônio. **Degradação do espaço: estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em L'Assommoir**. Rev. Let., São Paulo, v.46, n.1, p.29-61, jan./jun. 2006.
- CORTÁZAR, Julio, **Obra crítica volume 3**. Trad. Paulina Wacht; Ari Roitman. Org. Saúl Sosnowski. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- COVIZZI, Lenira Marques. **O insólito em Guimarães Rosa e Borges**. São Paulo: Ática, 1978.
- ENGRÁCIO, Arthur. **20 contos Amazônicos**. Manaus: Edições Puxirum, 1986.
- FIORUCI, Wellington. **As palavras e o mundo na prosa de Quiroga**. Revista Língua & Literatura, v. 17, n. 28, p. 98-108, ago. 2015.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1988.
- LEÃO, Allison. **Amazonas: natureza e ficção**. São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponímia**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- PIZARRO, Ana. Áreas culturais na modernidade tardia. In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. In: O Laboratório do Escritor. Iluminuras. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1628605> Acesso em: 11 nov. 2017.
- QUIROGA, Horacio. **Vozes da selva**. Organização: Pablo Rocca. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- QUIROGA, Horacio. **Decálogo do perfeito contista**. Organizadores: Sergio Faraco & Vera Moreira. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2009.

- ROCCA, Pablo. **Horacio Quiroga: teoria e prática do conto**. In: Vozes da selva. Org. Pablo Rocca. Trad: Sergio Faraco. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- RAMA, Ángel. **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Raquel la Corte dos Santos; Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- SILVA, Thays Freitas. **A ficcionalização da vida ribeirinha na contística de Arthur Engrácio**. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016
- SOARES, Caroline Ferreira. **Espaços e personagens em vozes da selva, de Horácio Quiroga: abrindo caminhos para a literatura hispano-americana nas aulas de LE**. Porto Alegre: PUCRS, 2017. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.
- TELLES, Tenório. **Clube da madrugada – presença modernista no Amazonas**. Manaus: Valler, 2014.
- TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. Trad. Paulo Paes; Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.